

LÍNGUAS VISUAIS EM FOCO

VISUAL LANGUAGES IN FOCUS

Adriana Dias Sambranel de Araujo¹

RESUMO: Línguas de sinais e línguas orais são modalidades que têm suas próprias características. Contudo, as línguas de sinais foram estudadas à luz das teorias aplicadas às línguas orais, o que lhes serviu de parâmetro, a fim de comprovar que as primeiras são línguas naturais. Como consequência, os aspectos linguísticos que as diferenciam ainda carecem de estudo. Por isso, o objetivo deste artigo é apresentar novas teorias que melhor se coadunem com a modalidade da língua visoespacial, como as encontradas em Bense (1971) e Groupe μ (1993). Além disso objetiva ainda compilar e demonstrar as diferenças entre as duas modalidades. A metodologia que se adotou para a coleta de dados foi qualitativa, a partir da observação dos aspectos linguísticos das línguas de sinais. As informações obtidas foram interpretadas à luz de pesquisadores que se debruçaram sobre o tema como Cuxac (2001), Felipe (1997), Sacks (2002), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas orais e visuais; Libras; Diferenças; Características.

ABSTRACT: Sign languages (or visospatial) and oral languages are modalities that have their own characteristics. However, sign languages were based in theories applied to oral languages, which served as a parameter, with the aim of prove that the former are natural languages. As a consequence, the linguistic aspects that differentiate them still need to be studied. Therefore, the objective of this article is to present new theories that are better suited to the modality of the visospatial language, such as those found in Bense (1971) and Groupe μ (1993). Furthermore, it also aims get together and demonstrate the differences between the two modalities. The methodology adopted for data collection was qualitative, based on the observation of the linguistic aspects of sign languages. The information obtained was interpreted with support from the work of researchers as Cuxac (2001), Felipe (1997), Sacks (2002), among others who studied the theme.

KEYWORDS: Oral and visual languages; Libras; Differences; Features.

Introdução

A língua dos surdos se realiza por meio do canal visual, o que confere particularidades em relação às suas experiências linguísticas e discursivas, por isso descrever as línguas de sinais usando o mesmo modelo que se aplica para analisar línguas orais já se mostrou pouco apropriado. Desta

¹ Mestre em linguística e especialista na educação de surdos, atuando como professora de português-segunda língua para surdos. Discente da Universidade de Brasília matriculada regularmente em curso de doutorado. E-mail: correiodias@yahoo.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5812-7173>

forma, entendemos que a forma de investigarmos as línguas de sinais deve ser revisada, a fim de melhor descrever como os diversos recursos visuais interferem na organização de suas estruturas.

Assim, a partir da Libras – Língua Brasileira de Sinais –, pretendemos discuti-las observando o mundo linguístico enunciativo do plano visoespacial, onde se desenvolvem as línguas de sinais (LS) ou visoespaciais (LV), cujos estudos se iniciaram de forma comparativa às línguas que usavam um canal acústico. Stokoe (1960), sendo pioneiro em estudar línguas visoespaciais, afirmou que elas são linguisticamente equivalentes às línguas orais (LO), apresentando fonologia, morfologia, sintaxe entre outros (STREIECHEN, 2014). Essa comparação entre as línguas foi necessária, porque havia um histórico negativo sobre as LSs, como vemos em Lulkin (2001)

Em todas as instituições onde se deseja introduzir o verdadeiro método da palavra, devemos, inicialmente, separar os iniciantes dos outros alunos e, por todos os meios possíveis, desenraizar a erva daninha da língua de sinais. A linguagem mímica exalta os sentidos e provoca, demasiadamente, a fantasia, e imaginação. (LULKIN; 2001, p. 37)

Termos como “erva daninha” “fantasia” e “imaginação” tiveram que ser vigorosamente refutados. A estratégia utilizada foi procurar comprovar que linguisticamente elas se aproximavam. Com isso pretendia-se conferir às línguas de sinais o *status* de língua natural, como podemos ver nos excertos de Quadros e Karnopp (2004), Rubio e Queiroz (2014), sobre língua de sinais, e de Ferreira (1995) e Uzan (2008) acerca da Libras – Língua Brasileira de Sinais:

As línguas de sinais são tão complexas *quanto as línguas faladas*. (QUADROS E KARNOPP, 2004, p.32 - Grifo nosso)

As línguas de sinais não são universais. Cada uma possui sua própria estrutura gramatical. A língua de sinais, *assim como a língua oral* é a representação (RUBIO e QUEIROZ, 2014, p. 3 - Grifo nosso)

A LIBRAS [...] é uma língua natural surgida entre os surdos brasileiros *da mesma forma que o Português, o Inglês, o Francês*, etc. surgiram ou se derivaram de outras línguas para servir aos propósitos linguísticos daqueles que as usam. (FERREIRA, 1995, p. 11 - Grifo nosso.)

Libras é uma língua natural surgida entre os surdos brasileiros com o propósito de atender às necessidades comunicativas de sua comunidade. São línguas naturais porque, *como as línguas orais*, surgiram ... (UZAN *et al*, 2008, p.2 - Grifo nosso)

Os trechos destacados, afirmando que são línguas, desempenham uma função subjacente de afastar as línguas de sinais da linguagem mímica. Mímica é uma forma de expressão, mas não configura uma língua. Se um ser humano se comunica por mímica ou pantomima, o julgamento acerca de sua competência cognitiva pode entrar em xeque, pois as pessoas se comunicam por meio

de uma língua, sendo qualquer outro canal considerado precário para este fim. Por esse motivo foi tão importante afirmar categoricamente que línguas de sinais são tão naturais, tão línguas como qualquer língua oral. Esse foi o primeiro passo rumo à valorização do sujeito surdo e das línguas visoespaciais.

O segundo passo consistiu em combater a negação do *status* de língua por causa do aspecto icônico das línguas de sinais, pois “durante muito tempo afirmou-se que as línguas de sinais não eram línguas por serem icônicas.” (STROBEL E FERNANDES, 1998, p. 7). Chamamos icônico o elo de semelhança entre os itens lexicais e as estruturas das línguas de sinais com a realidade. A iconicidade é um dos aspectos flagrantemente observáveis nas línguas de sinais, porque usam o canal visoespacial. Por exemplo, o termo “casa” se representa por um sinal que faz lembrar um telhado, o termo “bola” faz lembrar uma figura esférica; o sinal para representar uma pessoa andando pode até parecer uma imitação.

Contudo, esse viés icônico esbarrou por anos em uma interpretação equivocada dos estudos de Saussure (2006), pois o autor afirmava que:

O laço que une o significante ao significado é arbitrário, ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário (SAUSSURE 2006, p. 81).

A partir daí a percepção foi a de que, se os signos de uma língua não fossem percebidos como arbitrários, então não seria uma verdadeira língua. Essa forma de pensar foi inconveniente para as línguas de sinais praticadas pelos surdos, porque existe iconicidade em grande parte de seus itens lexicais e estruturas.

Ressalte-se que, desde a Antiguidade Clássica, filósofos como Crátilo, Hermógenes e Platão já refletiam sobre a relação entre o nome e o objeto. Esse debate resultou em duas vertentes: a dos Convencionalistas que acreditavam na arbitrariedade do signo, ou seja, os signos existiam com base em uma convenção dos usuários e a dos Naturalistas que defendiam a iconicidade, porque, para eles, os nomes eram o reflexo da natureza das coisas.

Entretanto, iconicidade e arbitrariedade não dizem nada a respeito de uma língua, senão que as estruturas linguísticas se adaptam às situações reais de comunicação, conforme afirma Hockett (1978) "Quando uma representação de uma parte quadridimensional da vida tem que ser comprimida em uma única dimensão da fala, a maior parte da iconicidade é necessariamente perdida" (HOCKETT, 1978) p. 275). Então, para o autor, a língua de sinais, quando dispõe da iconicidade, é capaz de fornecer mais clareza a seus enunciados, quando comparadas à estrutura das línguas orais, por ser quadridimensional. Para Hockett (1978), portanto, tanto as línguas orais

quanto a de sinais desempenham seu papel com as propriedades que possuem. O autor sugere ainda que as línguas orais sendo sequenciais, isto é, sendo estruturadas palavra após palavra, perdem a iconicidade e acabem tendo limitações que as línguas de sinais não têm.

Nada obstante, além da iconicidade, ainda há muito a ser estudado. Segundo Cuxac (2001), por muito tempo se defendeu a semelhança entre as estruturas formais das línguas de sinais e das línguas orais no intuito do reconhecimento de que as primeiras são línguas naturais. Sendo assim, as investigações precursoras não puderam explicar as características frequentemente icônicas das línguas visoespaciais, nem o caráter linguístico de seqüências inteiras.

Assim, este artigo se propõe a analisar alguns aspectos próprios das línguas de sinais, visto que não é mais preciso provar que são línguas verdadeiras (Van Herreweghe and Vermeerbergen, 2003). Para os autores, superada está a discussão acerca do reconhecimento das línguas de sinais enquanto língua, pois atestam a definição delas como língua natural dos surdos. Portanto, o que cabe agora aos pesquisadores é observar e analisar os vários aspectos linguísticos sobre os quais se estruturam.

Por exemplo, línguas de sinais sintetizam a mensagem em um único sinal, ao passo que línguas orais usam várias palavras; as orais organizam seus termos sequencialmente, as de sinais organizam-nos simultaneamente. Essas são apenas algumas das diferenças entre línguas orais e de sinais. Desta forma abordaremos os aspectos linguísticos distintivos entre as duas modalidades.

Nessa perspectiva é necessário ainda discutir uma crítica frequente às línguas de sinais que consiste no uso de termos que não se coadunam com a modalidade, sendo “fonema” um deles, pois quando esse termo é utilizado, faz-se necessário explicar que estamos nos referindo às suas unidades mínimas (Felipe, 1997). A autora afirma que a palavra fonema se refere a som/voz, mas em Libras indica uma unidade mínima, seguindo a base dos estudos fonológicos, denominadas parâmetros, a saber: a configuração de mão, o ponto de articulação, a direção, o movimento e as expressões não manuais.

Portanto, revisaremos a terminologia e avançaremos no reconhecimento atual das características inerentes às línguas de sinais, colaborando para que a abordagem em relação às línguas de sinais seja cada vez mais específica (Vermeerbergen, 2006). Segundo Behares (1987), da mesma forma que diferenciamos as línguas orais dos recursos expressivos de voz, devemos diferenciar as manifestações expressivas das línguas de sinais. Ambos os autores, assim como esta pesquisadora, veem a necessidade de lançar um olhar totalmente direcionado para a forma como as línguas de sinais constroem seus enunciados, sem que para isso seja necessário recorrer às teorias aplicadas às línguas orais. É preciso que as línguas de sinais sejam comparadas a outras línguas de mesma natureza e estudadas sob o aspecto visual e não sob aspectos da oralidade.

Em síntese, este artigo busca examinar não a igualdade, mas as diferenças que devem ser consideradas nos estudos das línguas visoespaciais, desenvolvendo-se em bases funcionalistas cujo “principal interesse está nos processos relacionados ao êxito dos falantes ao se comunicarem por meio de expressões linguísticas.” (MARTELOTTA, 2018, p. 163). Corroborando com o autor, podemos dizer que as línguas de sinais têm se mostrado bastante exitosas na tarefa de estabelecer comunicação, pois os surdos, por meio delas, são capazes de expressar qualquer tipo de pensamento.

Deste modo, vamos apresentar algumas sentenças em Libras. Esclarecemos que os exemplos foram retirados dos nossos dados de pesquisa, durante a coleta. As sentenças que aqui serão apresentadas foram geradas por surdos utentes de Libras. Todavia, para resguardar a identidade dos nossos colaboradores, em vez de fotografias, ilustramos com desenhos que foram baseados nos dados, sob a identificação: fonte de elaboração própria.

Metodologia

O procedimento metodológico foi realizado em quatro etapas:

- 1- Coleta de dados acerca das aproximações feitas entre língua oral e língua de sinais no que diz respeito aos aspectos linguísticos;
- 2- Coleta de dados acerca das diferenças que foram observadas entre as duas modalidades;
- 3- Pesquisa acerca dos aspectos visuais da língua de sinais que impactam em sua estrutura linguística;
- 4- Apresentação de quadro comparativo no qual se demonstram as diferenças entre línguas orais e visoespaciais.

Procedimentos de coleta dos dados

A partir da observação e da análise do comportamento da Libras, foram compiladas características próprias das línguas de sinais que devem ser levadas em consideração quando do estudo desta língua.

Procedimentos de análise dos dados

Para analisar os dados:

- Observamos as sentenças realizadas por surdos utentes de Libras;
- Reunimos as características das línguas visuais em contraponto às orais;

- Destacamos as diferenças entre línguas orais e visuais;

Interpretação dos resultados

Depois de ter observado o comportamento e as características das duas modalidades de língua, examinamos os aspectos que mais as diferenciam, contribuindo para que futuras pesquisas possam se concentrar nas propriedades linguísticas específicas das línguas visoespaciais. Assim, apresentamos o quadro a seguir:

QUADRO I – DIFERENCIANDO MODALIDADES DE LÍNGUAS	
LÍNGUAS ORAIS	LÍNGUAS DE SINAIS
Canal oroauditivo	Canal visoespacial
Fonemas	Formemas
Modelo <i>top down</i>	Modelo <i>bottom-up</i>
Sequenciais	Simultâneas
Unidimensional	Quadrimensional
Dizem	Mostram
Fonte: elaboração própria.	

Canal oroauditivo e canal visoespacial

Línguas orais e visuais são sistemas verbais que se diferenciam principalmente pelo fato de uma se expressar por meio de um canal acústico enquanto a outra se expressa por meio de um canal visoespacial, o que pode impactar na terminologia utilizada para as unidades mínimas. Meier (2002) foi um dos primeiros autores que abordou o fato de as diferentes modalidades gerarem efeitos nas estruturas das línguas, estabelecendo as diferenças e semelhanças entre línguas faladas e sinalizadas. A exemplo do autor, vamos desenvolver cada um dos tópicos elencados no quadro acima, iniciando por discutir a terminologia que é utilizada para ambas as modalidades no que diz respeito às unidades mínimas, mesmo com o reconhecimento que se expressam por meio de canais distintos.

Formemas e fonemas

A partir da observação de que alguns autores (Felipe,1997; Quadros e Karnopp, 2004) justificam o termo fonema para aplicá-lo à língua de sinais, apresentamos teorias que podem melhor

denominar suas unidades mínimas, como a teoria proposta por Bense (1971), pesquisador da semiótica, que se preocupou em investigar como imagens mentais se traduzem em imagens materiais (palavras) e assim postulou uma gramática do visual. Em sua tese, defende que a percepção visual é composta por *perceptemas*, isto é, elementos de cor e de forma, os *cronemas* e os *formemas*.

Nessa mesma esteira da gramática do visual, Groupe μ (1993) entende que o objeto e a qualidade se unem como um signo visual, assim como sujeito e predicado na língua. Para o autor “Toda forma pode definir-se por três parâmetros: a dimensão, a posição e a orientação denominados formemas”. (Groupe μ , 1993, p. 191). O autor divide-os em: formema de posição (frente, atrás, à esquerda, à direita...), formema de dimensão (grande e pequeno) e formema de orientação (para cima, para baixo...).

Atentemos para o fato de que os parâmetros das línguas visoespaciais se coadunam com a proposta de Groupe μ (1993), pois a Configuração de Mão é a forma que as mãos assumem a fim de realizar o sinal; a Orientação consiste na posição da palma, podendo estar para cima, para baixo, para o lado...; o Movimento diz respeito à forma como se move a mão, podendo ser circular, retilíneo...; bem como a dimensão do que se quer expressar (grande, pequeno); Ponto de Articulação que diz respeito ao lugar onde o sinal é realizado e, por último, as Expressões Não Manuais, que contemplam formas de expressão corporais ou faciais.

Nesta perspectiva, damos razão àqueles que contestam o termo “fonema” quando aplicado a uma unidade que não tem som. Fonemas se inserem na modalidade oral de língua, posto que *fon* se refere a som; e *ema* às unidades distintas. Por isso defendemos que se adote o termo formema para as unidades mínimas das línguas de sinais, pois essas línguas têm como unidades mínimas as formas.

Modelo *Top down* e Modelo *Bottom-up*

Segundo Meurer (2008), *top down* diz respeito ao modelo que atua do específico para o geral, ou seja, parte das palavras para as sentenças, sendo uma particularidade das línguas orais. As descrições são feitas de maneira a construir paulatinamente a imagem no pensamento, enquanto línguas de sinais dão uma visão do todo. Este modelo é denominado como modelo *bottom-up*, pois se baseia no uso de estratégias ascendentes, na qual o leitor decodifica a informação disponível no nível de aspectos perceptíveis sensorialmente, no caso, a visão. Exemplificamos a seguir como acontecem esses processos.

A figura abaixo, quando expressa em língua portuguesa oral por uma pessoa que ouve, poderá ser: vemos na imagem uma mulher de cabelos longos que divide o cabelo em duas partes iguais, uma ao lado esquerdo e outra ao lado direito de seus ombros, ficando ao longo do corpo. A mecha do lado direito foi puxada para a frente. Ela está segurando com sua mão direita uma tesoura, enquanto sua mão esquerda segura a mecha direita de seu cabelo, fechando-a toda em torno da mão e então ela corta a referida mecha de cabelo. A imagem mental de quem ouve essas sentenças vai-se construindo à medida que as frases estão sendo pronunciadas, adotando a visão *top-down*. Neste processo, a compreensão do todo se dará paulatinamente.



De outro modo, na língua de sinais, a sentença é expressa como demonstrado por um colaborador, na figura 2 a seguir:



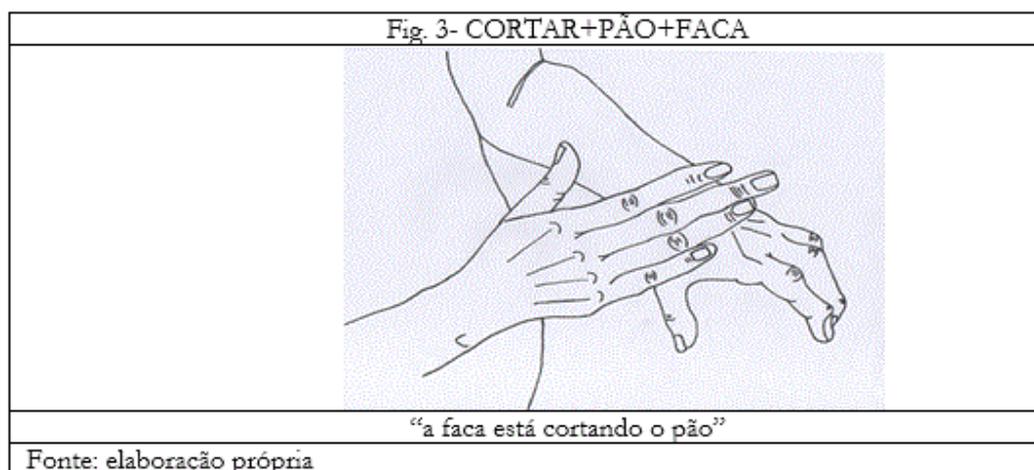
Com a mão esquerda, evoca-se a imagem mental provocada pela ideia de segurar o cabelo e; com a mão direita, adota-se a configuração de mão que nos remete a uma tesoura, à qual se associa o movimento de abrir e fechar. A fig. 2 demonstra que para transmitir a imagem do todo constante na fig. 1 o colaborador mostra, como se fosse uma cena, o que foi visto na imagem.

Assim as línguas de sinais assumem uma visão *bottom up*, isto é, apreendem a visão do todo e a expressam da mesma forma, sendo esse o viés icônico que impacta diretamente no aspecto da simultaneidade dos elementos que compõem uma sentença.

Sequencialidade e simultaneidade

Segundo Sandler e Lillo-Martin (2006, p.121) “as línguas faladas apresentam relativamente pouca simultaneidade em sua estrutura”. De acordo com os autores, o canal oroauditivo não propicia o uso da simultaneidade, tanto quanto ocorre com as línguas visuais ao usarem o canal visoespacial. Contudo, se observam nelas muitas sequências: sílabas sequenciadas se transformam em palavras; sequência de palavras formam uma frase; sequência de frases formam um texto. (Bloomfield, 1970).

Já a modalidade visoespacial reúne vários componentes que se revezam na língua, não apenas as mãos, mas também o olhar, a posição do corpo e a expressão facial. Esses diferentes articuladores podem ser usados simultaneamente no espaço, o que abre a possibilidade de expressar vários elementos linguísticos ao mesmo tempo. Entre uma infinidade de exemplos, escolhemos a sentença “a faca está cortando o pão”. Observe:



Os nossos dados demonstraram que a ação de cortar o pão se realiza por meio do movimento, enquanto a mão direita representa a faca e a mão esquerda representa o pão. O sinalizante não precisa sequenciar nenhuma das palavras, porque todas acontecem sobrepostas, ou seja, simultaneamente.

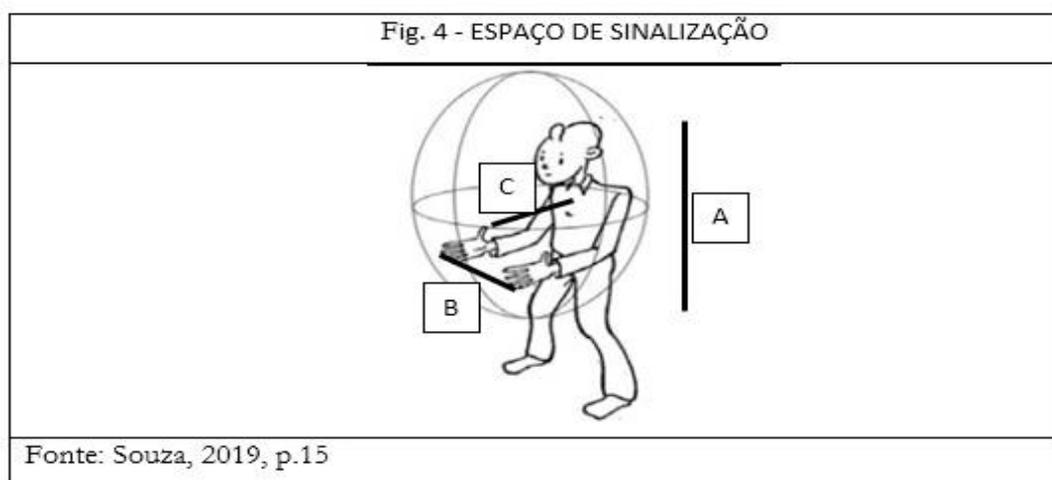
Além disso, em língua portuguesa pode-se usar o verbo no gerúndio *-ndo* para indicar uma ação em processo. Em Libras, a ação em processo fica indicada por meio do movimento. Interessante é notar que o movimento agregado à configuração de mão também pode ser

interpretado em tempo presente. A depender do contexto, a oração acima poderia ter sido traduzida como “...corta o pão com a faca”. A tradução no presente ou no gerúndio se justifica em virtude de haver sinais específicos para denotar o tempo passado e o tempo futuro. Tais sinais que denotam o tempo costumam ser produzidos no início da sentença. Sendo assim, como não houve a realização desses sinais que indicam o tempo, optamos pela tradução no gerúndio.

Estando o tempo agregado ao uso simultâneo dos sinais no espaço, observamos o que se chama quadridimensionalidade, outro aspecto que merece destaque nos estudos de línguas visuais.

Unidimensionalidade e quadridimensionalidade

As línguas de sinais são também chamadas visoespaciais, porque fazem uso do espaço de sinalização que se localiza ao redor do sinalizante. Para abrigar parâmetros como Ponto de Articulação, Orientação e Movimento, as línguas de sinais se desenvolvem em um espaço tridimensional, como ilustrado abaixo:



Na figura 4 vemos que o espaço de sinalização se desenha tridimensionalmente dentro de uma área imaginária onde os enunciados se realizam. As três dimensões do espaço são (A) altura, (B) largura e (C) profundidade. A altura (A) se vê ao longo do corpo do sinalizante, sendo o ponto de referência que limita o espaço verticalmente entre o topo da cabeça e algum ponto um pouco abaixo da cintura. A largura (B) se desenha em um ponto médio entre o afastamento dos braços; e a profundidade (C) é percebida entre o sinal e a distância do corpo do sinalizador. Este é um espaço determinado fisiologicamente para que a emissão e a recepção da mensagem sejam confortáveis ao olhar, pois atende tanto às limitações fisiológicas quanto à percepção visual que acompanha os movimentos do corpo. Entretanto, para atender o contexto, o espaço visualmente confortável pode

ser ultrapassado. Por exemplo, é possível levantar os braços acima da cabeça a fim de enunciar um grande animal em pé.

Campello (2008) explica que extrapolar o espaço de sinalização se deve ao fato de, dentro do espaço tridimensional, a configuração de mão e o movimento poderem assumir significado imagético. Assim, levantar os braços pode gerar a imagem do tamanho do animal. Da mesma forma, o termo “bola” evoca na mente a imagem de algo esférico. O sinal “bola” é realizado por duas mãos com as palmas de frente uma para a outra, dedos separados e ligeiramente curvados. Com as mãos postas no formato da bola pode-se transmitir a ideia de uma bola pequena. Se afastarmos as mãos, a bola ficará grande. Podemos até mesmo, imageticamente, enunciar que a bola quica ou gira. A Orientação também se integra no espaço tridimensional sendo realizada à esquerda, à direita, para baixo..., para cima, como ocorre quando se quer mostrar um avião que está decolando.

As línguas orais também fazem uso do espaço para localizar objetos, descrever um trajeto, ou uma ação. Para isso geralmente podem recrutar objetos próximos das mãos, apontar ou fazer gestos que acompanham a fala. Por exemplo, podem dizer “abaixa o som”, enfatizando com um gesto indicativo, empurrando a mão para baixo. Entendemos esse gesto como um elemento não verbal que acompanha a comunicação humana fora do sistema linguístico.

Liddell (2003) comenta que “o uso de gesto e língua associados a um espaço torna eficiente a comunicação, porque facilita o esforço linguístico despendido para expressar as localizações ou as relações espaciais entre os objetos”. (LIDDELL, 2003, p. 150). Para ilustrar o que diz o autor, imaginemos um lápis em cima de uma mesa. Diante da pergunta – onde está o lápis? – é possível responder que está em cima da mesa, em língua oral, apontando para ela. Contudo, o ato de apontar é opcional. Nesse sentido Quinto-Pozos (2007) afirma que em línguas de sinais o espaço é mais do que um recurso, pois nele se constrói o conteúdo da mensagem que se deseja expressar, bem como a organização do discurso. Assim, estando o lápis em cima da mesa, as línguas de sinais responderão à pergunta com um gesto apontando para o local.

Além das três dimensões apresentadas na figura 4, se soma a dimensão tempo, resultando na quadridimensionalidade, conforme afirma Sacks (2002)

“A fala tem só uma dimensão [...] mas só as línguas de sinais têm quatro dimensões – as três espaciais acessíveis ao corpo do sinalizante mais a dimensão do tempo. E a língua gestual explora de modo completo as possibilidades sintáticas no seu canal de expressão as quatro dimensões” (Sacks, 2002, p. 105).

Percebamos nesse sentido que de fato as línguas orais não abarcam em seus enunciados a tridimensionalidade: largura, comprimento e profundidade, associados simultaneamente ao tempo durante o enunciado. Para expressar por exemplo quão profundas sejam as raízes de uma

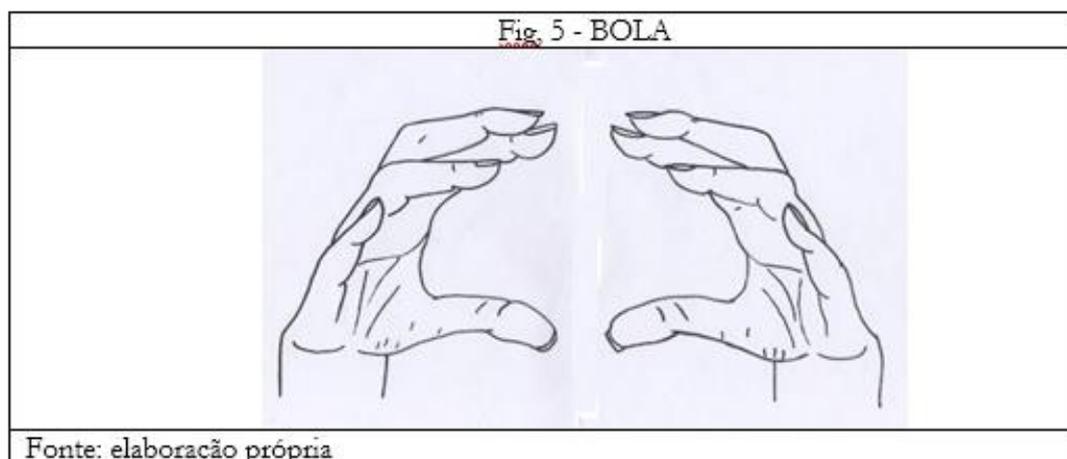
árvore, a língua oral necessitará que palavras intensificadoras sejam acrescentadas, tais como “muito profundas”, “bem profundas”, ao passo que as línguas visoespaciais podem nos fazer “ver” quão profundas são as raízes sem acréscimo de palavras intensificadoras. No que diz respeito ao tempo, as línguas orais poderão marcar o tempo presente usando um verbo. No caso das línguas de sinais isso não será necessário, pois a dinâmica na realização dos sinais é capaz de demonstrá-lo.

Sobre o tema assevera Cuxac (2001) que a quadridimensionalidade somada à forma de representação das línguas de sinais, isto é, à capacidade que elas têm de expressar vários elementos ao mesmo tempo, garantem uma boa economia linguística nas suas estruturas, pois permite que o léxico e as sentenças sejam ditos e mostrados, conforme discorreremos a seguir.

Dizem e mostram

Cuxac (2001) pondera que as línguas de sinais dizem e mostram ao mesmo tempo. No caso da figura 2 a língua “diz” tratar-se de uma tesoura, quando adota a configuração retratada na mão direita, e “mostra” na medida em que associa o movimento pertinente, “imitando” as mãos da personagem próximas ao cabelo. Esse aspecto icônico é marcante nas línguas de sinais. O autor defende que uma configuração de mão pode fazer lembrar a forma de um objeto, de um animal, de uma pessoa, ou mesmo a figuração do deslocamento de um personagem ou objeto, sendo possível até “tornar-se” esses entes como um ator representando um papel.

Embora as línguas orais também possam mostrar com as mãos, por exemplo, a forma de uma bola, isso não se faz linguisticamente necessário, ao passo que, em línguas de sinais, descrever a sua forma é obrigatório, pois é a configuração de mão deste sinal que garante a expressão lexical do objeto, como corroborado em nossos dados.



A ilustração acima nos remete a uma figura esférica, a saber uma bola, sendo considerada uma forma icônica. Por causa desse e de tantos outros sinais icônicos, as línguas visoespaciais foram muitas vezes tachadas de mímica ou pantomina, o que constituiu um grande equívoco, porque as pesquisas em línguas de sinais demonstram que os enunciados se realizam dentro de uma estrutura complexa que não frustra nenhuma análise linguística. Acrescentamos que ter iconicidade não significa que léxico e sentenças sejam sempre icônicos. Esse é a apenas UM fator observável entre tantos outros.

Destarte, cada modalidade de língua tem suas próprias características. Línguas orais ou visuais cumprem o seu papel comunicativo, qual seja integrar pessoas a pessoas e ao mundo que as cerca. Para comprovar que línguas de sinais são línguas verdadeiras tanto quanto as orais, as pesquisas usaram como estratégia a comparação entre elas. Agora é preciso aprofundar o conhecimento em cada uma, de forma independente. Línguas orais podem ser analisadas entre si em virtude do que se sabe sobre elas e, com este artigo, esperamos contribuir para que línguas de sinais também sejam investigadas entre si pela mesma razão.

Considerações finais

Entendemos que houve, sim, a necessidade estratégica de aproximar as línguas de sinais e as línguas orais para solidificar as primeiras como línguas verdadeiras, e não uma mímica ou uma pantomina. Contudo, essa necessidade foi ultrapassada. Os estudos de Stokoe (1960), Felipe (1997) Quadros (2004), Araujo (2013) Brentari (1995), Liddel (2003), Blommfield (1978) e tantos outros já comprovaram que são línguas naturais.

Estamos falando de línguas que expressam e apreendem seus enunciados por meio do canal visual. Isto posto, cabe a pergunta: por que os autores que propõe uma gramática do visual, como Bense (1971) e Groupe μ (1993) ainda são tão pouco explorados? Atentemo-nos para o fato de que as línguas de sinais percebem e são percebidas por meio da visão, ao passo que as línguas orais percebem e são percebidas por meio da audição. Embora pareça uma conclusão lógica, como muitos estudos acerca das línguas de sinais foram realizados à luz das línguas orais, ainda se percebem imprecisões, sendo uma delas a terminologia adotada para os “fonemas”, por exemplo.

Quando se defende que em línguas de sinais há “fonemas”, é preciso sempre explicar que, na falta de um termo melhor, estamos nos referindo às unidades mínimas da língua. Sugerimos então a possibilidade de mudar o termo “fonema” para “formema”, por se adaptar melhor à modalidade visual, pois chegamos à conclusão de que as línguas de sinais se estruturam por meio formas: forma da mão, forma do movimento, forma da expressão não manual, consoante estudos de Bense (1971), de Groupe μ (1993). Esses pesquisadores defendem que os elementos de uma

estrutura visual se unem ao signo, assim como o sujeito ao predicado. Desta forma, acreditamos que estudos como os desses autores seriam de grande valia para avançarmos no conhecimento das línguas visoespaciais. Isso nos daria a oportunidade de concentrar as atenções nos elementos distintivos das duas modalidades de língua, descobrindo suas próprias especificidades.

Por exemplo, a compreensão da mensagem em línguas orais se dá paulatinamente à medida que os sons vão sendo pronunciados, configurando um modelo *top-down*. Já nas línguas de sinais, as mensagens são compreendidas a partir de uma visão de todo, caracterizando um modelo *bottom-up*. Em outras palavras, a modalidade oral constrói suas mensagens sequencialmente ao passo que as línguas de sinais as constroem simultaneamente.

Além disso, as línguas visuais são quadridimensionais, ou seja, elas utilizam o espaço e o tempo para demonstrar visualmente os seus termos, o que não ocorre em línguas orais. Observemos que essas últimas podem fazer várias demonstrações com as mãos, para denotar tamanho, forma, espessura, mas sempre serão interpretadas como escolhas extralinguísticas. Contudo, em línguas visuais essas demonstrações são linguisticamente necessárias.

Outra reflexão que devemos fazer gira em torno do conceito de arbitrariedade e iconicidade proposto por Saussure (2006). Já não se sustenta a ideia de que o valor linguístico estaria abrigado somente na arbitrariedade do signo, como compreendido por muitos. Deveríamos repensar a interpretação dada às relações de iconicidade e arbitrariedade quando aplicadas às línguas, quer orais, quer de sinais. Da mesma forma, não se pode afirmar que somente uma imagem acústica seria capaz de evocar o significado. Não pode o sinal visual também fazê-lo?

Concluimos que as línguas de sinais já não precisam mais ser “encaixadas” nos mesmos parâmetros linguísticos encontrados nas línguas orais, por isso os pesquisadores que se debruçam sobre os estudos das línguas de sinais devem oferecer um olhar mais voltado às suas particularidades. Sendo assim, existe ainda um campo muito vasto para ser explorado a fim de compreendermos o sistema visual de signos, o que só será possível abrindo-se o leque de teorias e autores que nos ajudem a observar a língua visoespacial como ela é, sem que seja necessário compará-las com as línguas orais, resguardada a sua importância para aqueles que ouvem.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Adriana Dias Sambranel de. *As expressões e as marcas não-manuais na Língua de Sinais Brasileira*. 97 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

BEHARES, L. E. *Que es una senã?* Trabalho apresentado en el primer encuentro de sordos. Ministério de Educación, Caracas, Venezuela, Diciembre, 1987.

BENSE, M. *Pequena Estética*. São Paulo, Perspectiva.1971.

CLARABOIA, Jacarezinho/PR, n.17, p. 39-54, jan./jun, 2022. ISSN: 2357-9234.

BLOOMFIELD, L. *Language or ideas?* Em C. F. Hockett (Ed.), *A Leonard Bloomfield anthology* (pp. 322-328). Bloomington: Indiana University Press. (Reimpresso de *Language*, 12, pp. 89-95, 1970).

BRENTARI, D. *Sign language phonology*. In: GOLDSMITH, J. (ed.) *The handbook of phonological theory*. Cambridge, Massachusetts: Blackwell. 1995.

FERREIRA, L. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

CAMPELLO, A. R. S. *Pedagogia Visual na educação dos surdos*. 2008. Tese doutorado em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

CUXAC, C. *Les Langues des signes: une perspective sémiogénétique*. Paris. Aile, 2001.

FELIPE, T. A. *Introdução à Gramática da LIBRAS*. Educação Especial – Língua Brasileira de Sinais. Brasília: MEC/SEESP: Série Atualidades Pedagógicas 4, 1997.

GROUPE μ . *Tratado del signo visual: para una retórica de la imagen*. Madrid: Cátedra, 1993.

HOCKETT, C.F. *In search of Jove's brow*. Am. Speech. 1978.

LIDDELL, S. K. *Grammar, gesture, and meaning in American Sign Language*. 1.ed. Cambridge: Cambridge University Press. 2003.

LULKIN, S. A. *O discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada*. In: SKLIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2001. p. 33-50.

MARTELOTTA, M. E. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto. 2018.

MEIER, R. P. *Why different, why the same? Explaining effects and non-effects of modality upon linguistics structure in sign and speech*. In: MEIER, R. P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. *Modality and structure in signed and spoken languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

MEURER, J. L. *Schemata and Reading Comprehension*. Revista Ilha do Desterro, n. 13, p. 31 – 46, 2008.

QUADROS, R. M. KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Artemed, 2004.

QUINTO-POZOS, D. *Can constructed action be considered obligatory?* *Língua*, Amsterdam, v.117, p.1285-1314, julho 2007.

RUBIO, J. A. S.; QUEIROZ, L. S. *A aquisição da Linguagem e Integração Social: A LIBRAS como formadora de identidade do surdo*. São Roque – SP: Faculdade de São Roque, Revista Eletrônica Saberes da Educação, vol. 5, nº 1, 2014.

SACKS, O. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANDLER, W., LILLO-MARTIN, D. *Sign Language and Linguistic Universals*. Cambridge University Press. Cambridge, 2006.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOUZA, R.M. *Que palavra que te falta?* São Paulo, 2019.

STOKOE, W. *Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the american deaf*. Studies in Linguistics, nº 8. University of Buffalo, 1960.

STREIECHEN, E. M. *A aquisição da Libras por crianças ouvintes filhas de mãe surda em um contexto multilíngüístico: um estudo de caso*. 130f. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, 2014

STROBEL, K.; FERNANDES, S. *Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais*. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

UZAN, A. J. S.; OLIVEIRA, M. R. T.; LEON, I. O. R. *A importância da Língua Brasileira de Sinais – (LIBRAS) como língua materna no contexto da Escola do ensino fundamental*. Paraíba-PB - XII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VIII Encontro Latino Americano de Pós- Graduação- Universidade do Vale da Paraíba, 2008.

VAN HERREWEGHE, M.; VERMEERBERGEN, M. *Flemish-Belgian sign language and dutch: syntactic differences due to a different modality*. Amsterdam: Lirias, 2003.

Recebido em: 22/1/2021

Aprovado em: 23/4/2021